

ESTANHO

Queda nos estoques mundiais

por Sérgio Danilo
do Rio

O Brasil, que a partir do dia 13 de junho irá participar da 23ª assembléia da Associação dos Países Produtores de Estanho (ATPC), em Kuala Lumpur, Malásia, como membro observador, vai reivindicar a criação de uma bolsa de metais no Brasil. Pretende, com isso, negociar estanho e participar do Instituto Internacional de Pesquisa de Estanho, disse na sexta-feira a este jornal o secretário do Sindicato Nacional do Estanho, José Maria Gonçalves.

Três representantes do Brasil — o embaixador na Malásia, Isnard Amaral, e os delegados das empresas produtoras brasileiras, Samuel Hanan e Oscar Pereira Filho — acompanharão de 13 a 18 de junho, todas as negociações e a pauta ofi-

cial da reunião e procurarão induzir os produtores nacionais a uma racionalização da oferta do metal.

A produção internacional de estanho será de 147,9 mil toneladas neste ano, cabendo aos membros da ATPC um total de 106,4 mil toneladas. A China irá produzir 10 mil toneladas, que serão exportadas, enquanto o Brasil pretende comercializar 31,5 mil toneladas. Há ainda, segundo Gonçalves, uma produção e uma cota de 18 mil toneladas do metal vindas de Portugal, Reino Unido e Espanha, além de 5 mil toneladas do estoque de metais estratégicos do governo norte-americano.

O total da oferta mundial de estanho, que será divulgada na reunião de Kuala Lumpur, segundo informações do Sindicato Nacional do Estanho, será de 171 mil

toneladas e a demanda mundial ficará, em 1989, reduzida a 187 mil toneladas. A diferença entre a oferta e a demanda, explicou Gonçalves, será de 15,3 mil toneladas, e descontando-se a demanda brasileira que será de 7,3 mil toneladas, reduzirá o estoque de estanho em 8 mil toneladas neste ano, disse a fonte.

Assim, a reunião da ATPC vai examinar os atuais estoques internacionais — considerados baixos — e a alta dos preços do metal. A expectativa é de que em Kuala Lumpur ocorra um acordo de estabilização dos preços em US\$ 10.500 a tonelada, conforme a tendência dos últimos contratos de futuros negociados na Bolsa de Metais de Londres. Outra reivindicação brasileira a ser apresentada em Kuala

Lumpur, se refere à integração do Brasil ao Grupo Internacional de Estudos do Estanho, cuja reunião preparatória foi realizada, em março, em Genebra.

O Brasil quer participar como membro efetivo do grupo e se dispõe a financiar a cota de US\$ 40 mil por ano para obter um bom trabalho no fórum dos produtores do metal. O Brasil deseja, também, investir US\$ 500 mil na montagem de um grupo especial de técnicos na produção de estanho e no acompanhamento do mercado. A tese do diretor do grupo Paranapnema S.A. (maior produtor mundial de estanho), Samuel Hanan, de se criar no Hemisfério Sul uma bolsa de metais, utilizando o estanho como principal commodity, poderá ter grande repercussão em Kuala Lumpur, disse Gonçalves.